



HAL
open science

Les traces des Valverde à l'épreuve des taupes

Helder Abraços, Jacques Thiriot

► **To cite this version:**

Helder Abraços, Jacques Thiriot. Les traces des Valverde à l'épreuve des taupes. Actas das 3.as jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo (Tondela, 28 a 31 de Outubro de 1997), Oct 1997, Tondela, Portugal. pp.311-319. halshs-00499442

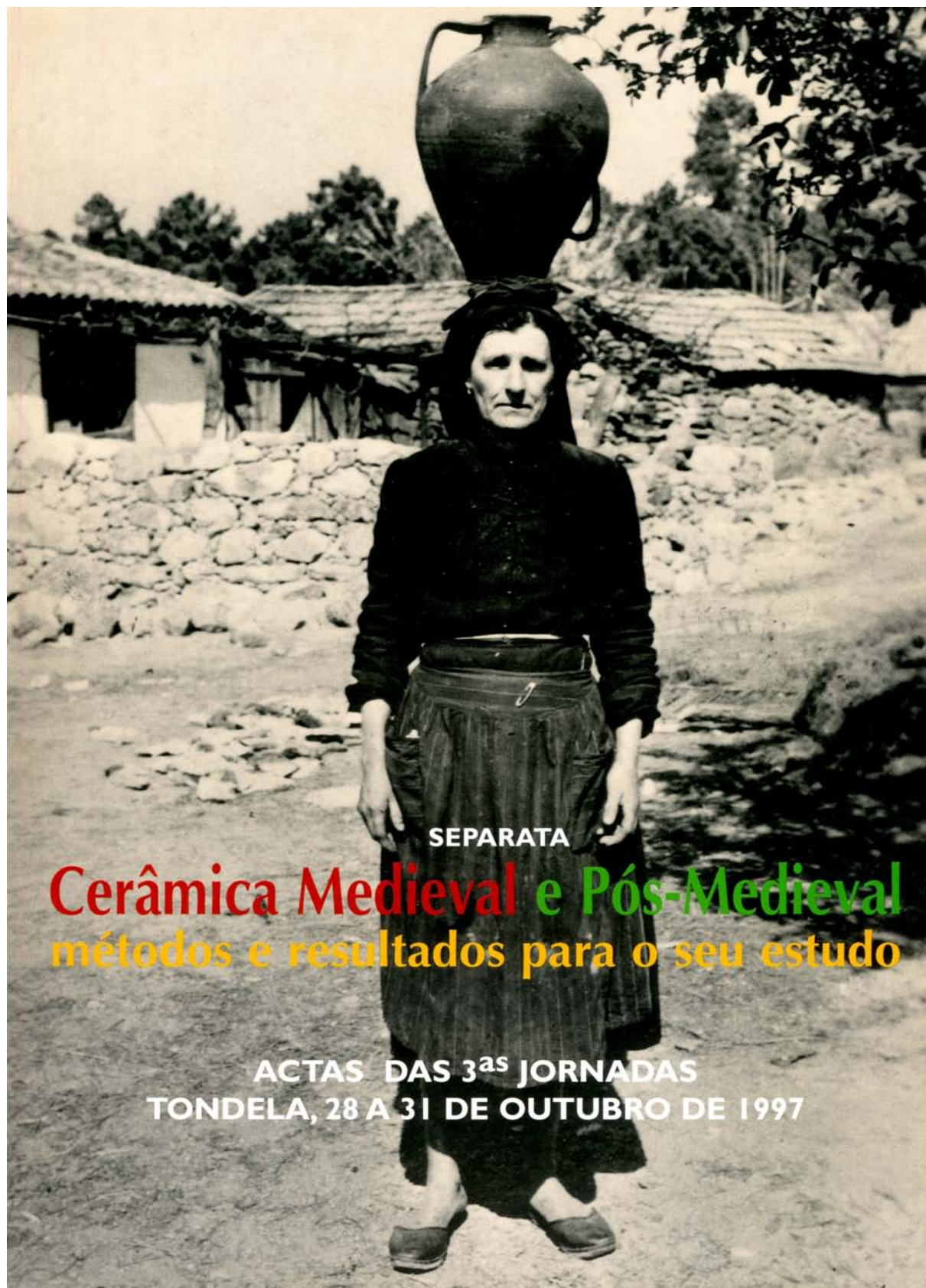
HAL Id: halshs-00499442

<https://shs.hal.science/halshs-00499442>

Submitted on 9 Jul 2018

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



SEPARATA

Cerâmica Medieval e Pós-Medieval
métodos e resultados para o seu estudo

ACTAS DAS 3^{as} JORNADAS
TONDELA, 28 A 31 DE OUTUBRO DE 1997

ACTAS DAS 3.^{as} JORNADAS
DE
CERÂMICA MEDIEVAL
E PÓS-MEDIEVAL
MÉTODOS E RESULTADOS PARA O SEU ESTUDO

TONDELA
(28 a 31 de Outubro de 1997)

Coordenação de Helder Abraços e João Manuel Diogo



CÂMARA MUNICIPAL DE TONDELA
2003

Isis 2365

ÍNDICE

<i>Nota prévia</i>	9
<i>Palavras de abertura das 3.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval</i>	15
 <i>Tema 1 – Cerâmica</i>	
MÁRIO VARELA GOMES, ROSA VARELA GOMES «Cerâmicas alto-medievais de Silves» *	23
ADNAN LOUHICHI «La céramique islamique de Dougga»	49
JOSEP ANTONI GISBERT SANTONJA «La producción cerámica en Daniya – Dénia – en el siglo XI»	61
RAFAEL CARMONA AVILA «Del barro y el fuego en Madinat Baguh (Priego de Córdoba): el alfar de época almohade de la Calle San Marcos»	79
ROSA VARELA GOMES «Brinquedos muçulmanos de cerâmica do sul de Portugal» *	93
JULIO NAVARRO PALAZÓN, PEDRO CASTILLO «La cerámica andalusí de Siyâsa» *	103
CLÁUDIO TORRES, SUSANA GÓMEZ, MANUELA BARROS FERREIRA «Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos»	125
LUÍS DE BARROS, FERNANDO HENRIQUES «Rua da Judiaria: um Celeiro nos arrabaldes da vila»	135
LAURA TRINDADE, A. M. DIAS DIOGO «Cerâmicas de um silo da Alcáçova de Santarém» **	145
MIGUEL AREOSA RODRIGUES, ANABELA GOMES LEBRE «Cerâmicas medievais da Vila Velha (Vila Real)»	151
HELENA CATARINO «Cerâmicas da Baixa Idade Média e de inícios do período moderno registadas no castelo da vila de Alcoutim»	161
× HENRI AMOURIC, JEAN-LOUIS VAYSETTES «Terres cuites d'architecture émaillées et vernissées en Languedoc et Provence de la fin du Moyen-Âge à l'époque contemporaine»	179
MULIZE FERREIRA, MARINA PINTO, GERTRUDES ZAMBUJO «A cerâmica comum recolhida na igreja de S. Francisco, Bragança (campanha de escavações de 1996)»	191
A.M.DIAS DIOGO, LAURA TRINDADE «Cerâmicas de barro vermelho da intervenção arqueológica na calçada de São Lourenço, n.º 17/19, em Lisboa» *	203
ISABEL LOPES «Cadinhos e copelas da Casa do Infante – Porto»	215

FERNANDO CASTRO, PAULO DÓRDIO GOMES, RICARDO TEIXEIRA «200 anos de cerâmica na Casa do Infante – Porto (século XVI a meados do século XVIII): identificação visual e química dos fabricos»	223
ISABEL CRISTINA FERNANDES, A. RAFAEL CARVALHO «A loiça seiscentista do Convento de S. Francisco de Alferrara (Palmela)»	231
ANTÓNIO PEREIRA «Cachimbos cerâmicos do século XVII da Casa do Infante (Porto)»	253
JOSÉ I. PADILLA LAPUENTE, KAREN ALVARO RUEDA «La confluencia de producciones cerámicas en una zona periférica del pirineo catalán (s. XVII)»	271
LAURA TRINDADE, A.M.DIAS DIOGO «Cerâmicas de barro vermelho de entulhos do terramoto de 1755 provenientes da sondagem 14 da rua dos Correiros, em Lisboa» **	285
LÚIS BARROS, GUILHERME CARDOSO, ANTÓNIO GONZALEZ «Primeira notícia do forno da Quinta de S. António da Charneca – Barreiro»	295
 Tema 2 - Etnoarqueologia	
HELDER ABRAÇOS, JACQUES THIRIOT «Les traces des Valverde à l'épreuve des taupes»	311
MANUELA RIBEIRO «As <i>soengas</i> de Coimbrões (V.N. de Gaia). Arqueologia de um centro oleiro»	321
ISABEL FERNANDES «Os diferentes modos de preparar o barro nas olarias de louça preta portuguesa, extintas ou em elaboração»	333
FERNANDO CASTRO «Metodologia analítica e estatística para a determinação de proveniência de cerâmicas arqueológicas»	351
MAURICE PICON «Cuisson et structures de cuisson des céramiques au Maroc: entre ethnographie et archéologie»	355
 Tema 3 – Estudio de arquivos	
ANTÓNIO DINIS, PAULO AMARAL «Gondar – uma abordagem documental»	373
ABDALLAH FILI «Quelques aspects de la céramique médiévale d'après les textes arabes médiévaux»	391
HENRI AMOURIC, J. L. VAYSSETTES «La mobilité des artisans céramistes en Provence et Languedoc, du Moyen Age à l'époque moderne»	407
ANTÓNIO MANGUCCI «A pesquisa e a análise de documentos como contributo para o estudo das olarias de Lisboa»	425
 Mesa Redonda	
MANUEL ACIÉN ALMANSA «La cerámica en al-Andalus. Problemas y perspectivas»	437
<i>Debate</i>	445
JEAN-PIERRE PELLETIER, JACQUES THIRIOT «Traces de fabrication, méthodes d'analyses morphologiques et comptages des céramiques grises provençales (V-XIII siècles)»	451
<i>Debate</i>	464

* Por solicitação dos autores publica-se esta comunicação em substituição da apresentada durante as Jornadas.

** Comunicações que não foram apresentadas durante estas Jornadas e que se publicam por solicitação dos autores.

Les traces des Valverde à l'épreuve des taupes

Helder Abraços*, Jacques Thiriot**

Resumo:

A história dos oleiros da família Valverde é conhecida graças aos testemunhos e informações de António Valverde e às pesquisas de arquivos paroquiais compreendidos entre os anos de 1860 e 1920. Pode igualmente ser conhecida pelo estudo dos diversos níveis habitacionais e suas constantes transformações evolutivas. Em fase de análise, a compreensão da estratigrafia dos muros e paredes do núcleo habitacional primitivo permite avançar com certas hipóteses de evolução que será necessário confrontar com as recordações do oleiro António Valverde. Se nos apoiarmos sobre as observações realizadas desde 1983 nas olarias tradicionais situadas em Espanha e Portugal, o início de uma escavação experimental, numa superfície bastante reduzida de momento, permite-nos propor uma organização do trabalho na olaria e uma evolução quanto ao destino de um dos compartimentos do núcleo primitivo. A destruição recente de uma parte das construções obriga a concluir prematuramente esta aliciante experiência, na tentativa de comparar as observações arqueológicas adquiridas com o testemunho do oleiro e as informações arquivísticas. A curto prazo, encara-se a publicação de uma síntese de todas as pesquisas sobre a actividade dos Valverde.

Résumé:

L'histoire des potiers de la famille Valverde est connue grâce aux témoignages d'Antonio Valverde et aux recherches d'archives. Elle peut être approchée également par l'étude des constructions évolutives. En cours d'analyse, la stratigraphie murale du nucléus primitif permet d'avancer certaines hypothèses d'évolution qu'il faudra confronter aux souvenirs du potier. S'appuyant sur des observations réalisées dès 1983 dans les ateliers traditionnels en Espagne et au Portugal, l'essai de fouille expérimentale, sur une surface réduite, permet de proposer une organisation du travail et une évolution dans la destination d'une des pièces du nucléus. La destruction récente d'une partie des bâtiments oblige à clore prématurément cette expérimentation en comparant les acquis de l'observation archéologique avec le témoignage du potier ou les données d'archives et envisager à court terme une synthèse de toutes les recherches sur l'activité des Valverde.

Après la fouille des ateliers de potiers du XII^e siècle à Saint-Victor-des-Oules (Sud de la France: Thiriot 1986), une enquête chez les potiers à poterie noire du nord de l'Espagne (avec Pedro Matesanz) montre l'intérêt d'une telle comparaison. La fouille des ateliers médiévaux de Cabrera d'Anoia avec I. Padilla (Leenhardt 1993) a ensuite nécessité la poursuite d'une telle confrontation; d'où les recherches ethnoarchéologiques réalisées dans la région de Zamora (avec Miquel Bosch et Marie Leenhardt) et celles du nord du Portugal (avec João Diogo et Helder Abraços: Picon 1995 et 1998, Thiriot 1992) avec des objectifs diversifiés dont on ne retient ici qu'un aspect

particulier: la notion de trace qui, objet de cette communication, est seule développée ici.

L'idée est d'étudier les ateliers traditionnels comme s'ils étaient abandonnés: les bâtiments étant détruits virtuellement à partir d'un mètre de hauteur et tous les éléments en matériaux périssables ayant disparu. Que reste-t-il? Que peut-on dire des traces qui restent? A partir des observations faites dans ces circonstances, peut-on tirer des enseignements pour l'interprétation des vestiges médiévaux découverts en fouille? Voilà pour les objectifs!

Avant de présenter les premiers résultats acquis chez les Valverde, passons en revue plusieurs cas étudiés dans ce sens.

1. TRACES D'ACTIVITÉ CHEZ LLUIS CORNELLA À LA BISBAL (CATALOGNE)

C'est chez Lluís Cornella que cette hypothèse d'interprétation des traces a été énoncée pour la première fois

* Chercheur sous contrat de la Câmara Municipal de Tondela. E-mail: cmtondela@mail.telepac.pt

** Chercheur CNRS au Laboratoire d'archéologie Méditerranéenne. MMSH, Aix-en-Provence. E-mail: thiriot@msh.univ-aix.fr



Fig. 1: António Valverde démoule un piège à taupes modelé sur un manche en bois. Sur une table devant lui: une motte d'argile, une assadeira avec des cendres tamisées, un récipient avec de l'eau et un piège déjà modelé auquel il manque la collerette. Cliché JT.

et testée par Brahim Diop alors stagiaire sur la fouille de Cabrera; il est donc naturel d'évoquer cet atelier en premier. L'aspect du sol y change suivant les phases du travail de l'argile; au passage, on peut également faire quelques remarques à propos des tours.

Sur le trajet qu'emprunte l'argile issue des bassins de préparation dans la cour vers la cave où elle est entreposée, le sol dans l'atelier est légèrement bombé et surtout «moutonné» c'est à dire qu'il présente de petites bosses dues aux dépôts répétés d'argile transportée par les pieds ou perdue en route («voie humide»). Le sol est constitué de recharges successives (Fig. 2). Le chemin qui mène de cet endroit aux tours a le même aspect même si une certaine usure apparaît à proximité du premier tour (trace du passage répété du potier vers son habitation. Il a cessé toute activité depuis plusieurs années). Près de la porte, le sol apparaît en creux et lisse: usure du sol par le passage du potier qui transporte les produits façonnés pour les faire sécher au dehors («voie sèche») sur des planches.

A l'emplacement des tours à pied, le sol est mouventé suivant la position des supports de bois fichés dans le sol (Fig. 3). Sous les tours, lorsqu'ils sont en activité, le sol est constitué d'un amas «aéré» et parfois



Fig. 2: Atelier de L. Cornella. Le chemin qui mène de la réserve à argile aux tours a un aspect bombé et surtout «moutonné». Cliché JT.

pulvérulent de matière argileuse rejetée lors du tournage, différent des zones de passage (voir l'exemple de Carapinhal). Le potier en activité sur son tour laisse également des traces caractéristiques: le potier est assis dos au mur à l'endroit dépourvu d'argile sur l'enduit. A sa droite, il essuie ses doigts sur le mur. A sa gauche, sont projetés les petits cailloux qui peuvent subsister dans l'argile d'où un aspect crépi en relief avec de l'argile.

2. TRACES DANS L'ATELIER DE MANUEL FRANCISCO À CARAPINHAL

La boutique de tournage est équipée de deux tours et d'étagères contre les murs pour le séchage (Fig. 4). Un tour électrique est installé dans l'angle de la pièce. Le tour à pied traditionnel sur bâti est installé contre le mur de façade à côté de la porte; le potier faisant face au mur. Cette salle est en relation avec un espace de préparation (mécanique) et de stockage de l'argile préparée. Le sol de la pièce est en terre et reflète l'activité qui s'y déroule. Venant du lieu de stockage de l'argile, le passage vers les deux tours a un aspect bombé et moutonné à cause du dépôt renouvelé d'argile entraîné par les pieds des artisans: dans ces zones, le terrain monte seulement à l'emplacement du passage qui contourne un banc (ligne de crête



Fig. 3: Atelier de L. Cornella. Le sol sous la batterie des tours est mouvementé. Cliché JT.

déviée). Le sol décline très vite en marge du passage aux abords des séchoirs. Sous les séchoirs, existe une dépression couverte de poussière d'argile. En face de la porte d'entrée, le sol présente une surface lisse avec de grandes fentes dénotant des passages fréquents pour porter au dehors les poteries à sécher: ici, usure du sol sans apport d'argile. A proximité des tours, l'aspect du sol est différent et assez diversifié. A droite du tour, le point d'arrivée de l'argile est légèrement surélevé: de cet endroit, le potier dépose sur la table du tour les mottes d'argiles. En arrière du tour, près d'un des supports de la table, une dépression correspond à l'emplacement qu'occupe le potier lorsqu'il pétrit l'argile pour en faire les balles nécessaires au tournage. Sur la gauche du tour, près de la porte, une dépression marque l'endroit où le potier pose son pied pour monter sur son tour. En cours de tournage, le potier rejette les surplus de matière sur la planche contre le mur d'où un certain crépissage du mur (ici, il n'existe pas de trace lissée du mur correspondant à la position du potier puisque ce dernier est placé face au mur et non adossé à lui). Le potier essuie ses mains sur le bâti du tour entraînant un amas de terre sèche en petits fragments sur le sol (amas encadrant la dépression décrite précédemment). Sur sa droite, le bâti du tour est légèrement prolongé pour permettre d'y appuyer une planche de séchage où le potier pose ses pièces façonnées: la superposition de l'accès au tour et de l'enlèvement des

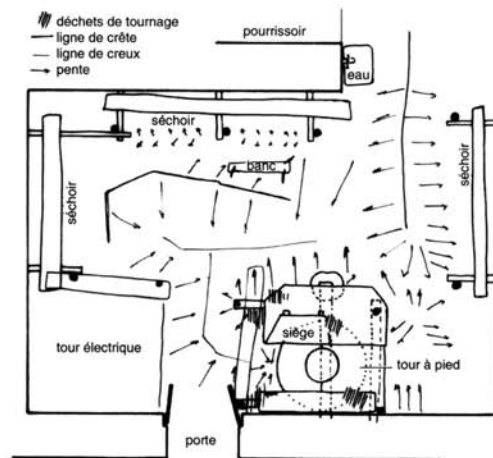


Fig. 4: Plan schématique de l'atelier de tournage de Manuel Francisco à Carapinhal avec indications du relief du sol. Dessin JT.



Fig. 5: Traces du tour de Joaquim Simões Correia à Barreira Branca: scellement de la planche dans le mur avec cale de bois, trou de support de la planche dans le sol bétonné ultérieurement. Cliché JT.



Fig. 6: Tour de José Augusto Simões à Alveite Pequeno. Cliché JT.



Fig. 7: Le nucléus Valverde vu du sud-est après adjonction d'un édicule parasite en brique et avant destruction de l'aile orientale. Cliché JT.

pièces pour le séchage entraîne une usure du sol. Enfin, à droite du tour et au pied du mur, une dernière dépression correspond à la position du potier qui évacue le surplus d'argile.

La confrontation des trous laissés dans le mur par l'ancrage du bâti du tour et des traces d'argile sur les murs et surtout sur le sol permet de reconstituer les cheminements habituels des potiers. Cette observation est à mettre en rapport avec les pratiques de chaque potier qui ont tous leurs habitudes. Une constante apparaît tout de même en rapport avec les phases de travail.

3. TRACES DANS L'ATELIER DE JOAQUIM SIMÕES CORREIA À BARREIRA BRANCA

Cet atelier abandonné il y a déjà longtemps (le potier est mort en 1981) a subi quelques transformations avant l'arrêt de la production. Le sol en terre de l'atelier a été bétonné alors que le tour était encore en place (Fig. 5). Il a donc été possible de localiser le support de la planche permettant de fixer l'axe du tour. Son ancrage dans le mur est également bien observable (cale de bois) et permet de restituer une planche de 13 cm de large. Deux ancrages

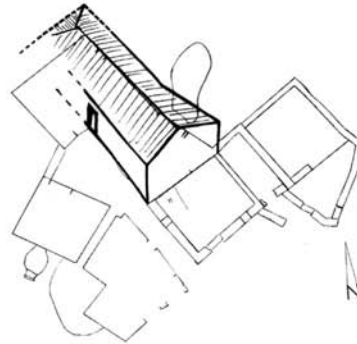


Fig. 8: Restitution hypothétique du bâtiment initial. Dessin intermédiaire JT.

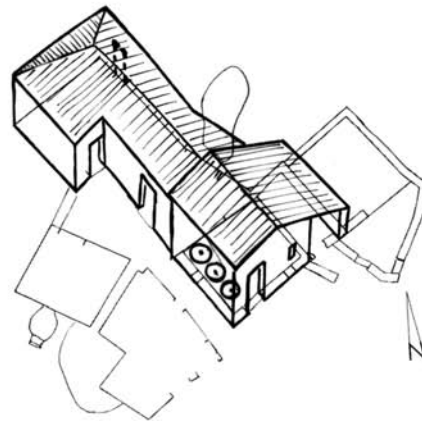


Fig. 9: Adjonction de la cuisine/atelier au sud et extension au nord-ouest (changement de portes d'accès). Dessin intermédiaire JT.

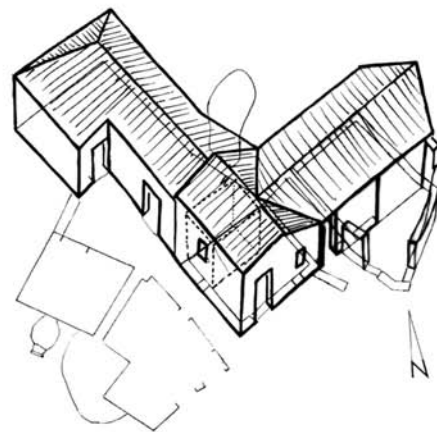


Fig. 10: L'appentis du nord-est avec la transformation de la toiture. Dessin intermédiaire JT.



Fig. 11: Exhaussement vu de l'intérieur au sud, pied droit de porte déplacée, trace d'une ancienne toiture avec bordure de lauzes calcaires. Cliché JT.



Fig. 12: La façade sud-ouest avec la fenêtre ultérieure de la cuisine/atelier et la trace de l'angle initial du premier bâtiment. Cliché JT.

supplémentaires servent pour la longue planche qui longe le mur et fait office de siège. La position respective de ces trous (3 dans le mur et 1 au sol) permet de restituer ici un type de tour particulier employé dans cette zone: tour au bâti rudimentaire dépourvu de table dont un exemplaire (Fig. 6) était encore visible à Alveite Pequeno chez José Augusto Simões (frère de Joaquim). La position particulière du support du tour par rapport au siège montre que Joaquim était gaucher: la planche tenant l'axe étant placée à sa droite.

4. EXPÉRIMENTATION CHEZ VALVERDE À MOLELOS

Seul le nucléus d'origine fait l'objet de cette étude (Fig. 7). L'atelier dans ses extensions plus récentes a été présenté à Rabat à partir des recherches d'archives et de l'histoire orale transmise par Antonio Valverde. Cet atelier a été créé par Jeronimo Valverde au tournant du siècle; il s'est éteint en 1944. Le but de l'expérience est de rechercher, par les seuls moyens de l'archéologie, l'évolution des bâtiments et la destination ou les changements de destination des différentes pièces qui constituent ce nucléus.

Stratigraphie murale: Résultats provisoires

A partir de l'étude des constructions évolutives (Abraços 1995, Abraços à paraître), l'observation des murs (techniques de construction et matériaux, coupures, successions ou superpositions) permet de proposer une évolution des constructions en chronologie relative. Ce qui est présenté aujourd'hui n'est qu'une étape dans cette étude à poursuivre (les appentis seront étudiés postérieurement). L'évolution est résumée et schématisée en trois plans successifs arbitraires¹ pour la partie centrale du nucléus sans tenir compte du relief pour le moment².

- **Première phase:** Seul le bâtiment du bas au nord-ouest existe (Fig. 8). Son extrémité nord-ouest, transformée par la suite n'est pas définie. Une porte, marquée seulement par une coupure dans

¹ La description en trois phases permet de donner une idée approximative des grandes lignes d'une évolution, forcément beaucoup plus complexe, qui sera analysée ultérieurement.

² Les nivellements, réalisés par Carlos Jorge Loureiro de Almeida Dias de la Câmara Municipal de Tondela, permettront une mise en perspectives 3D de cet ensemble évolutif.



Fig. 13: Le mur nord de cette dernière extension montre le changement de sens de la toiture de la cuisine/atelier et sa surélévation. Cliché JT.



Fig. 14: L'atelier de la «cuisine» est remplacé par une chambre (trace de la cloison sur le mur, mur de fondation de la cloison) et une cuisine avec plancher. Cliché JT.

le mur au sud, donne accès à un bâtiment au plan irrégulier³ sans doute subdivisé par des cloisons légères. Une toute petite fenêtre existe au nord. Le retour vers l'ouest, inclus dans la deuxième phase, pourrait tout aussi bien appartenir à un deuxième temps de cette phase.

- **Deuxième phase** (Fig. 9): Ce premier bâtiment est surélevé au moment de la construction de l'extension au sud-ouest. Des traces de cette surélévation sont observables seulement au nord et au sud (Fig. 11). La porte est déplacée vers cette extension sud-ouest. Deux autres portes sont percées, peut-être à cette époque, dans la partie est au sud et dans l'angle nord. En avant, une bâtisse comportant deux pièces est construite en s'appuyant sur l'existant (Fig. 12). Une porte et une fenêtre et une large ouverture agrémentent cette nouvelle façade au sud. C'est sans doute dans cette phase qu'il faut replacer l'activité de tournage relevée dans la «cuisine». La pièce latérale ou «nouvelle cuisine» a servi également de cuisine/atelier à Antonio, l'un des fils de Jeronimo, après son mariage⁴.
- **Troisième phase** (Fig. 10): Au nord-est du deuxième bâtiment est construit un appentis largement

ouvert à l'est (Fig. 7). La toiture qui couvre ce nouveau bâtiment vient recouvrir une partie du bâti antérieur peut-être surélevé à ce moment-là (Fig. 13) et avec changement de sens de la toiture. C'est peut-être à ce stade⁵ que l'atelier de la «cuisine» est remplacé par une chambre agrémentée d'une petite fenêtre au sud (état du mur, fouille: mur de fondation de la cloison) et une cuisine avec plancher (Fig. 14).

Cette analyse du bâti est à poursuivre. Si on se tient strictement dans la perspective archéologique définie arbitrairement en préambule de cette communication (c'est à dire la prise en compte d'une élévation limitée à un mètre de hauteur), la chronologie relative des différents espaces peut être définie, à la rigueur, avec une certaine incertitude; la question des couvertures des bâtiments ne pouvant évidemment pas être traitée.

La fouille de l'ancienne cuisine

L'intervention était prévue en deux temps: fouille partielle de la cuisine/atelier (dite aussi «ancienne cuisine») dans un premier temps, puis fouille totale de la

³ Ce plan irrégulier est peut-être la marque d'une construction évolutive comme le montre la coupure dans le mur nord.

⁴ Cette partie a été détruite lors de récentes transformations.

⁵ Le témoignage d'Antonio Valverde vient en contradiction avec la chronologie des transformations observées qu'il faudra réviser avec plus d'attention.



Fig. 15: Pierres de calage des poutres supportant le plancher au dernier temps d'utilisation de la cuisine. Fondation de la cloison de la chambre au premier plan, seuil de la porte d'entrée en arrière plan. Cliché JT.



Fig. 17: Vue de la surface supérieure de la couche 6 montrant le relief tourmenté dans la zone argileuse contre le mur. À gauche, la surface relativement plane pourrait correspondre à une zone de passage: *seixo* marqué d'une flèche (seuil de la porte d'accès en arrière plan). Cliché JT.

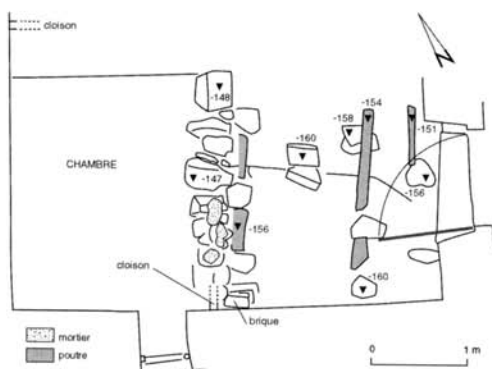


Fig. 16: Plan partiel de la «cuisine» avec fondation de la cloison de la chambre, supports et poutres du plancher. Dessin JT. DAO Frédérique Gillet.

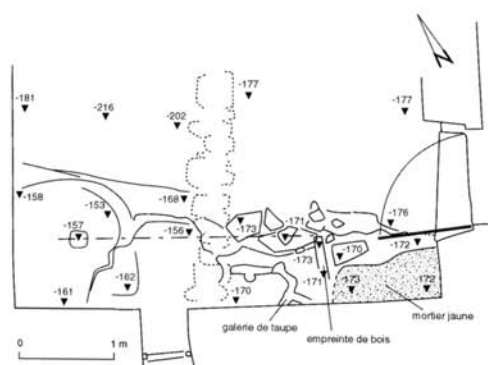


Fig. 18: Plan partiel de la «cuisine» avec les traces des installations de tournage. Dessin JT. DAO Frédérique Gillet.

«nouvelle cuisine», lieux de vie où s'est développée une activité de façonnage des poteries et récemment détruit peu avant octobre 1997. La première phase terminée (travail de deux fois une semaine à deux personnes), il est difficile d'avancer des résultats définitifs. Quelques orientations de conclusions sont proposées ici tempérées par les allées d'un environnement champêtre et d'un climat humide... Les grandes étapes de l'occupation sont retracées rapidement en chronologie relative inverse sans faire état du mobilier découvert⁶.

Sous les niveaux d'occupation récente (dépôt de bois, de fourrage) succédant à des cages à lapins installées sur des briques le long du mur «sud» (Fig. 14: brique contre le mur), dans une terre grise avec grains d'argile fine, les rangées de pierres de calage et des restes de poutres en

⁶ La relation complète sera présentée avec étude du mobilier dans l'étude exhaustive en préparation.

bois sont les seuls restes d'un plancher (isolation contre l'humidité du sol) installé dans la moitié sud-est de cette salle découpée ultérieurement apparemment avec l'installation d'une chambre dans la partie sud-ouest (Fig. 15). Le mur de fondation de cette transformation est en pierres sèches et porte à son sommet des traces de mortier de chaux jaune qui passent au-dessus d'une des poutres (d'où la chronologie issue de la fouille qui s'oppose au témoignage d'António Valverde et qu'il faudra revoir...). L'absence de tels supports de pierre dans la partie sud-ouest au nord du rocher pourrait indiquer le caractère contemporain de la chambre et du plancher (Fig. 16).

Les supports de pierre du plancher reposent sur une surface (surface supérieure de la couche 5) très plane au milieu de la «cuisine» par opposition à la partie plus au sud où peuvent avoir été implantés les tours. Ce schéma de bi-partition de l'espace se retrouve dans les couches inférieures.

La couche inférieure 6 de terre brune semble une zone de passage (où coexistent tessons crus et une pierre



Fig. 19: Rocher avec un petit emplacement carré (flèche) taillé sans doute pour recevoir l'axe d'un tour. Cliché JT.

à polir blanche *seixo*) au nord d'une zone plus mouvementée contre le mur (Fig. 17) où est conservée une empreinte de bois qui pourrait avoir un rapport avec les tours préexistants (Fig. 18: le bois dont on a conservé l'empreinte serait le support de l'axe du troisième tour). La couche 7 pratiquement identique et peu épaisse au nord présente, au sud d'une rangée de pierres plates, une zone argileuse bleue (argile forte) compacte et mouvementée. Ce dispositif s'interrompt au niveau du débattement de la porte d'entrée de la «cuisine» au profit d'une terre sableuse jaune. Ces pierres délimitent la zone possible des tours (Fig. 18).

Sous l'ensemble, une terre brune charbonneuse, remplissant une faille du rocher et entaillée pour la mise en place des pierres plates vues précédemment, semble liée à un sol antérieur à l'activité potière.

Au sud-ouest et avec un léger décalage de niveau, la surface du rocher granitique, dépourvue de toute trace d'argile, semble assez peu aménagée à l'exception d'une petite surface approximativement carrée qui a pu servir de base à une crapeaudine de tour à pied (Fig. 19).

En résumé des observations de fouille, plusieurs tours, trois semble-t-il, sont installés contre le mur sud de cette pièce avec aménagement particulier d'argile et de pierres sur un sol préexistant. Après abandon de cette activité de tournage, un plancher est mis en place suivi ou contemporain d'une chambre qui subdivise l'espace. Déjà évoqué rapidement, le témoignage d'António Valverde donne une chronologie inverse qui nécessite

une nouvelle confrontation des données de fouille avec de nouveaux témoignages du potier pour «recouper» ses souvenirs.

Et les taupes dans tout cela...

Les taupes «fouillaient» en même temps que nous le sol de la pièce. Ce côté bucolique accompagnant de façon inattendue notre recherche a toutefois son revers: la perturbation des couches si difficiles à suivre dans un atelier sans parler d'un possible mélange de matériel qui a ici assez peu d'importance puisque toute l'histoire du site se résume à environ 50 ans. Avec les pluies abondantes au moment des fouilles, l'eau pénètre dans la salle par les galeries des taupes qui ont assez largement remanié le terrain introduisant une certaine confusion et interdisant momentanément la poursuite de la fouille.

La réaction du potier: auto-défense?

C'est l'occasion ici de parler d'une fabrication particulière que le vieux potier continue. Nous n'évoquerons pas ici sa production ancienne qui correspondait approximativement à celle des derniers potiers de Molelos (Abraços 1995, Abraços 1997a et b, Cerveira 1997). António Valverde fabrique des pièges à taupe en terre par modelage d'une plaque d'argile sur un manche de bois enduit de cendres pour que la terre n'y colle pas (Fig. 1). Il ajoute ensuite une collerette percée de 2 trous pour y suspendre une petite languette de bois servant de porte et perce l'extrémité arrondie afin de tromper le «système radar» de déplacement de l'animal. Ce dernier pouvant survenir d'un côté ou de l'autre de sa galerie, on dispose deux pièges en position opposée (Fig. 20).

EN CONCLUSION

Dans notre présentation lors des 2^{èmes} Journées, nous indiquions que ce début de recherche très modeste était à poursuivre par la fouille de l'ensemble de cette pièce pour essayer d'y définir les différentes fonctions représentées et leur évolution chronologique. La fouille expérimentale d'un autre espace (la «nouvelle cuisine», là où s'est installé António Valverde au moment de son mariage) qui a eu une destination similaire était à entreprendre. C'était sans compter sur la destruction partielle survenue avant octobre 1997 qui ruine ces

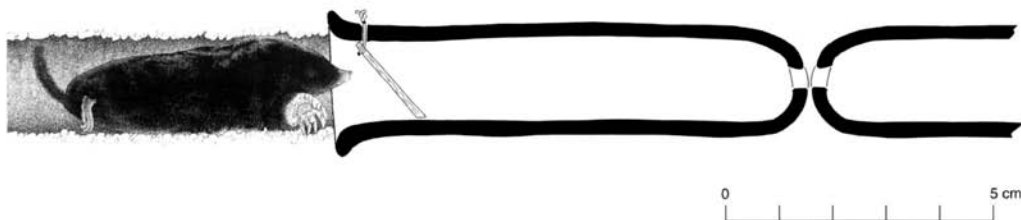


Fig. 20: Epilogue. Dessin JT et extrait de la Revue *La Hulotte*.

objectifs. Il faut maintenant confronter l'ensemble des résultats obtenus avec les souvenirs du potier qui sont à recouper plusieurs fois pour vérification. Souvenirs qui semblent parfois peut-être quelque peu fautifs quand à l'évolution chronologique à moins que ce soit notre analyse stratigraphique qui soit erronée... Cette expérience à poursuivre montre tout de même des résultats encourageants semblant en accord avec les études éthnoarchéologiques malgré les difficultés de la fouille d'une stratigraphie d'environ 50 années dont la difficulté d'interprétation était sous-estimée, la datation relative peu évidente, la datation absolue pratiquement impossible sans négliger l'action des taupes... Apparemment, des enseignements intéressants pourraient être tirés de cette recherche peu orthodoxe pour l'étude des ateliers anciens.

Dans le cadre du Musée de Tondela en cours de création, il était prévu la conservation et la présentation de l'ensemble *in-situ* et son évocation au musée. Malgré une destruction partielle, ce but reste à l'ordre du jour; l'ensemble constituant l'atelier Valverde et ses adjonctions de l'autre côté de la rue reste un ensemble exceptionnel qui devrait faire l'objet rapidement d'une publication de synthèse.

António Valverde est décédé en Octobre 2000. Privés de son témoignage, et en sa mémoire, nous devons achever l'étude avec ses proches.

BIBLIOGRAPHIE

- ABRAÇOS, H.; DIOGO, J.-M. (1995) – As Olarias de barro negro de Molelos segundo a tradição oral. *In: V^e colloque international sur la céramique médiévale méditerranéenne*, Rabat, 1991. Rabat, INSAP, pp. 101-108.
- ABRAÇOS, H.; DIOGO, J.-M. (1997a) – Molelos. *In: A louça preta em Portugal: olhares cruzados* (catalogue d'exposition). Porto, pp. 62-66.
- ABRAÇOS, H.; DIOGO, J.-M. (1997b) – O transporte da louça negra de Molelos. *In: A louça preta em Portugal: olhares cruzados* (catalogue d'exposition). Porto, pp. 97-100.
- ABRAÇOS, H.; DIOGO, J.-M.; THIRIOT, J. – The Urgency in the study of the workshops of black pottery in Portugal. *Université de Californie, USA*. 33 p., 11 fig. A paraître.
- CERVEIRA, A.; MILHAZES, M.-C.; DORDIO, P. (1997) – Catálogo de peças: Molelos. *In: A louça preta em Portugal: olhares cruzados* (catalogue d'exposition). Porto, pp. 185-189.
- LEENHARDT, M.; PADILLA, J.-I.; THIRIOT, J.; VILA, J.-M. (1993) – Primers Resultats dels treballs al taller medieval de ceràmica grisa de Cabrera d'Anoia. *Igalada, Estrat*, 6, pp. 151-177.
- PICON, M.; THIRIOT, J.; ABRAÇOS, H.; DIOGO, J.-M. (1995) – Estudo em laboratório e observação etnoarqueológica das cerâmicas negras portuguesas. *In: 1^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela (Portugal), 1992, Tondela, pp. 189-206.
- PICON, M.; THIRIOT, J.; ABRAÇOS, H.; DIOGO, J.-M. (1998) – Quelques données complémentaires de l'étude en laboratoire des céramiques traditionnelles à pâte grise du Portugal. *In: 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela (Portugal), 1995, Tondela, pp. 419-426.
- THIRIOT, J. (1986) – Les Ateliers médiévaux de poterie grise en Uzège et dans le Bas-Rhône: Premières recherches de terrain. Paris, Ed. de la Maison des Sciences de l'Homme, 148 p., 40 pl. et 1 microfiche. (Documents d'Archéologie Française n° 7).
- THIRIOT, J.; ABRAÇOS, H.; DIOGO, J.-M. (1992) – A Olaria negra em Portugal, ontem e hoje: urgência no seu estudo. *Arqueologia Medieval*, Campo Arqueológico de Mértola. Edições Afrontamento, Porto, 1, pp. 179-188.